

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

7.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA
Braga, 12 mezes.	15000
Correspondências partic. cada linha	850
Anúncios cada linha.	40
Repetição	20
	10

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	25000
" "	

N.º 912

BRAGA

QUINTA-FEIRA 20 DE MARÇO DE 1879

O juramento religioso

III

A's considerações, que expendemos em o numero anterior, poderá o snr. dr. Emygdio Garcia responder: ainda que admittissemos, que a Constituição do Reino não repelle a prescrição d'um juramento religioso, imposto aos dignos pares e snrs. deputados, no sentido de respeitarem a religião Cath., Apost., Rom., não podemos, contudo, admittir, que seja conforme a Constituição e que não seja intolerante o juramento, que é imposto pelos Regimentos das duas camaras, que os coage a professar a religião Cath., Apost., Rom.

Não se illuda, pois, a questão, continuará o illustre cathedrático, assegurando-se, que os Reg. só exigem, que se jure respeitar esta religião, por quanto, os Reg. estabelecem a seguinte fórmula: «juro ser inviolavelmente fiel á religião Cath., Apost., Rom., ao Rei, á Nação e á Carta Org., sendo certo, que exigir inviolável fidelidade, é exigir, que se professe a mesma religião o que é não só manifestamente inconstitucional, mas também positivamente intolerante. (1)

Esta insistencia do illustre publicista é fundada n'uma interpretação cerebri-

na, inferior ao talento do professor de direito administrativo e é igual sómente á sua má vontade contra tudo, que é favorecedor da ideia catholica.

Muito odio a muito obriga!

Diz Emilio Castelar, irmão do snr. dr. Garcia, pelas ideias republicanas e democraticas, nas suas *Cartas A Um Bispo*: «deante-se a imprensa do inferno dos insultos ao ceo das ideias», manifestando d'estarte mais uma vez seu esplendoroso espirito, que em tantas occasiões perde toda a sua luz, e o seu coração magnanimamente, que tantas vezes esquece seus cavalheiros sentimentos.

Mas o dr. Emygdio Garcia abandona n'esta parte o seu grande mestre e se deixa arrastar pela paixão ruim e paraphraseia e põe em pratica o aphorismo francez, dizendo, em seu animo e manifestando em seus escriptos anti-catholicos: *haine oblige*.

E não paira no ceo das ideias em que seu espirito esclarecido podia viver vida gloriosa; desce ao sophisma, que é de tamanha transparência, que bem claro manifesta, que, no illustre publicista ha sómente imperiosa tenção de malquistar um juramento, que favorece a ideia religiosa.

Pois obrigar á ser inviolavelmente fiel á religião Cath., Apost., Rom., é obrigar a professar-a?

E a esta simples fórmula, que se reduz toda a questão,

Nós responderemos a ella negativamente.

rozmente insultada, e tão ignobilmente calumniada!

Sim, digam-me — se fazem favor — de que lado está o sentimento da propria dignidade, e honra? — Eu cá, entendo que de nenhum.

Em Portugal, o homem que mais atrozes insultos dirigiu á Snr.ª D. Maria da Gloria e a seu marido, é hoje ministro da corôa e grande valido do filho d'essa Senhora.

E se a gente disser — *Arcades ambo, ou ejusdem furfuris*, ainda elles bão-de resmungar, e dizer cousas do arco da velha!

Quem os conhecer que os compre.

Vamos aos taes *decimos* libertadores, e não fallemos mais n'aquelles factos, que causam asco.

Os portuguezes e o refago da christandade de Inglaterra, França, Belgica, Polonia, etc.—arrebamham-se na *Ilha dos Cães* (Londres) e de lá marcham para a Terceira, d'onde veem, com proposito firme e deliberado de nos libertarem.

Desembarcam a 8 de julho de 1832, na PRAIA DOS LADROES, e no dia seguinte entraram no Porto, principiando as suas libertações, por darem a liberdade a todos os assassinos, ladrões, falsarios, etc., etc., armando-os e formando com elles, batalhões contra os portuguezes. Nem se esqueceram de libertar da vida varios cidadãos pacíficos, e dos seus valores a outros.

O que admira é a alegria com que a maior parte dos habitantes do Porto receberam os invasores, que lhes traziam

tar um Bourbon, (!) que acceitou o penacho, mas que, depois de soffrer mil desgostos, e ter a pelle em continuo risco, lhes passou as palhetas. Vejam como estes diabos são coerentes!

A Carta declara terminantemente, que deve ser respeitada a religião do Estado. Não exige, que a professem.

Os Reg. também não exigem a profissão d'ella; só mandam, que os dignos pares e os snrs. deputados sejam inviolavelmente fieis á mesma religião do Estado.

E nunca os regimentos poderiam significar por esta phrase, que os membros do parlamento a professem, isto é, que n'ella interiormente creiam e publicamente a confessem.

Emilio Castelar nas suas já citadas *Cartas* propõe esta questão a que sem demora responde sabiamente: «ha direito de impor uma religião? Omar diz: sim; Christo diz que não... as religiões teem suas armas: o convencimento para a intelligência e a persuasão para a vontade; a religião deve ser crida por nossa fé, amada por nosso coração, acceita de nossa consciencia».

Este principio é acceito pela Igreja e defendido pelos theólogos catholicos, como também por todos os espiritos esclarecidos, cujo predico não se deve contestar aos que elaboraram e approvaram os Regimentos.

Muito pensadamente fizemos esta citação d'um livro do illustre republico, podendo faz-la de auctorizados escriptores catholicos, para que se convença o snr. dr. Emygdio Garcia, que não é por systema, que a Igreja e a escola catholica

de presente os trez maiores flagellos da humanidade — a fome, a peste, e a guerra!

Todo o mundo sabe o que estes diabos fizeram desde esse nefasto dia 9 de julho de 1832, por esse reino, por espaço de cinco longos annos, de sangonaria recordação; e se não se desviassem nas partilhas, ainda muito mais sangue de realistas correria, e talvez que ainda hoje não estivesse saciado de sangue esse partido, cujo fim era exterminar todos os legitimistas!

E não se contentavam só em assassinar, também libertaram muitas familias de todos os seus haveres, não só moveis e gados, como até das suas propriedades, entrando por ellas dentro, como por sua casa, e tomando conta de tudo, depois de assassina-rem ou expulsarem os seus legitimos donos.

Outros mais *desinteressados*, contentavam-se com incendiar as casas, depois de as haver saqueado.

Finalmente, a estúpida e truculenta lei das indemnisações, de ignobil memoria, auctoritava todos a roubar, e julgava os bens dos realistas, verdadeira roupa de francezes.

Estes *decimos* libertadores, trouxeram lá de casa do diabo mais velho, as maximas liberaes mais aperfeiçoadas, e as desenvolveram em prodigiosa escala.

Os phenicios, os carthaginezes, os romanos, os gódos, os mouros, os castelhanos e os proprios francezes, não foram mais do que uns aprendizes desastados, comparados com os 10.ºs libertadores. Aquelles, roubaram nos muito, e assassinaram muita gente, é verdade, mas deixaram-nos os templos, os mosteiros, as nossas casas e os nossos campos; porém os senhores liberaes de 1834, fizeram mão baixa sobre tudo a que poderam lançar a mão, sob os pretextos mais absurdos, e deram cabo de muitos milhões de cruzados de valor, em bens de raiz, sem

combater os principios, porque só os regeitam e abominam quando são a negação da eterna verdade e da eterna justiça.

Ser inviolavelmente fiel ao Rei também será o mesmo que acreditar em todas as suas palavras e manifestar publicamente esta creença?... Terminamos aqui, uma vez que o illustre cathedrático teve de obedecer á lei fatal, que o domina: prometter largas discussões e não cumprir—sumir-se.

Y.

(1) E' assim, que o snr. dr. Emygdio Garcia interpreta, no seu primeiro artigo, a fórmula usada pelos Reg.: «juro ser inviolavelmente fiel á religião etc.», porque, diz elle, «essa fidelidade inviolável não pôde existir nem se concebe sem que o individuo professe a religião Cath., Apost., Rom.».

SECÇÃO COMMERCIAL

Protecção á Industria.

O amor pela industria nacional é uma virtude que ennobrecce uma nação. Se o amor pelo trabalho nobilita o homem, também o amor pelas manufacturas nacionaes e pelo desenvolvimento industrial deve animar o peito dos que se dizem e prezam de ser portuguez. Esta virtude infelizmente poucos a praticam, e eis

ninguem ser capaz de saber em que voragem insondavel foi tudo aquillo precipitado.

E' verdade que muitos gaiatos e maltrapilhos, que andavam na vespera a vender mexas e pó de tróvão, appareceram no dia seguinte em grande uniforme, em luzidas equipagens, alardeando de grandes figurões; e pouco depois, elevados a barões e viscondes; mas, ainda assim, estes taes não liquidaram nem a centesima parte do que então foi libertado.

Diz o rifão que—quando a rapoza anda aos grilhos, mal da mãe e peor dos filhos. E' o que está acontecendo aos senhores liberaes! Depois de engolirem os conventos, as suas cêrcas, e mais propriedades e fôros, vão-se agora intretendo em *desamortisar* (synonimo de roubar) os passaes, e os bens das misericordias e irmandades; e, como estes malditos são como a velha dos 30 reis, que tudo lhe faz conta, qualquer dia, depois de terem engulipado os taes bens nacionaes e os dos corpos de mão morta, são capazes de desamortizarem também o que cada proprietario tiver, com a mesma justiça, direito e sem cerimonia, com que vão desamortizando as outras cousas.

E os portuguezes vão soffrendo impassiveis, indifferentes, e parece que resignados, todas estas hediondas e horripilantes falcatruas, como se nada fosse com elles!

Porém—*fartar villanagem*—que, mais tarde ou mais cedo, o dia do desgano e do castigo ha-de chegar, e nós também havemos de ter o nosso São Martinho.

Emquanto elle não chega, vamos-nos divertindo em chorar o lamba, e gritar aqui d'el-rei contra tanta patifaria.

Villa do Conde, 7 de março de 1879.

AUGUSTO DE PINHO LEAL.

FOLHETIM

OS LIBERTADORES

10.ºs

(Conclusão)

A innocente Isabel (que era tão boa como a celebre Isabel, de Inglaterra) tinha á sua disposição um exercito formidavel, uma grande esquadra, muitos generaes fieis, arsenaes, etc. etc., e vae, um bello dia, os hespanhoes fartam-se de a aturar e ao seu immoralissimo governo. Foi a republicana cidade de Cadix, que a 18 de setembro de 1868 deu a vós d'alarme, que, com a rapidez do raio se repercutiu por toda a Hespanha, e d'ahi a DOZE DIAS (!) Isabel estava em terra de França, fugida á furia dos republicanos, que, se a pódem pillar, lhe faziam como os seus compartidarios de Inglaterra fizeram a Carlos I, e os de França a Luiz XVI.

A maior parte dos jornaes liberaes de Hespanha encheram-a dos mais infamantes opprobrios, não só na sua cathegoria de rainha, mas até na sua dignidade de mulher e de mãe. O insulto chegou a tal ponto, que tentaram promover contra ella, na França, uma querella por *ladra!!!*

A raça dos Bourbons, foi ignominiosamente infamada por todos os republicanos, que juraram milhares de vezes que tal familia ficava para sempre banida do throno hespanhol. (a)

Pois hoje, lá se vê no throno de S. Fernando, um filho d'essa mulher tão fe-

(a) D'ahi a pouco, e depois de andarem de chapéu na mão por toda a Europa, em busca de um rei, sem que ninguém quizesse ser juiz com taes mórdomos, lá foram por fim á Italia desengan-

porque, podemos affoitamente dizer, poucas fabricas estão levantadas em Portugal que possam comparar-se com as de outros paizes. A avidez do lucro, mas de um lucro instantaneo, são muitas vezes a causa da queda de um importante estabelecimento fabril.

Sobram exemplos para demonstrar esta verdade, e é por isso que não especializamos.

Levanta-se uma fabrica e promette-se logo aos accionistas um avultado lucro; estes esperam ansiosos que o vapor mova aquelle complicado maquinismo, que os operarios se agitem n'aquelle recinto do trabalho, que d'aquelle armazem saiam os aperfeiçoados productos; porém quantos, só porque se lhe esgota a paciencia durante o tempo da construcção do edificio e collocação da machina, não vão offerecer no mercado aquellas acções, vendendo-as com prejuizo, calculando que lhe vae render mais o capital em outros quaesquer papeis de credito? Sabemos que um estabelecimento fabril não póde attingir grandes lucros no 1.º, 2.º e 3.º anno, da sua fundação, porque no 4.º tem que reparar no 2.º que aperfeiçoar, no 3.º que reflectir, calcular, trabalhar, e bem dirigir. Mas quantos d'esses accionistas, não colhendo o resultado que esperavam, vão logo offerecer no mercado os titulos honrosos d'essas cazas de trabalho, depreciar o seu valor tendo em conta só o lucro e não o bem da sociedade, negando-se de este modo a coadjuvar o artista coberto de suor, que de sol a sol se debate com o trabalho n'esse recinto laborioso onde, para ganhar o pão para seus filhos, se arrisca muitas vezes a perder a vida e deixal-os na orphandade.

Serão estes os amantes da industria nacional? Decerto não.

Não inferior defeito é o do artista que não tem amor pelo trabalho senão pelo lucro que d'elle póde auferir. Quando o industrial só quer ver o lucro, deixa, ou antes abdica o nobilissimo diploma de artista.

Do aperfeiçoamento do trabalho nasce a gloria do artista e o credito de suas obras. Sabemos sim que os trabalhos aperfeiçoados não se pagam como deviam pagar-se; mas nem porisso o artista deve deixar de empregar os meios ao seu alcance para se distinguir e para honrar a patria que o viu nascer.

Ao escrever estas linhas, longe de nós a ideia de deprimir as artes e a industria em nosso Portugal. Com a mão na consciencia diremos que vamos no caminho de perfeição, e só levamos em vista despertar o amor pelas nossas cousas, deixando-nos de preferir as que nos vem de fora.

Na Covilhã temos excellentes pannos; por todo o reino maiores ou menores fabricas de tecidos; primorosa estamparia em Lisboa; soffríveis chapellarias; e nas artes temos delicados estatuarios, talentosos pintores e primorosos artistas em toda a especie. Haja pois patriotismo em nós todos, preferindo o que é nosso ao que nos vem do estrangeiro; haja tambem no artista e no industrial a boa vontade e o desejo ardente de aperfeiçoar as suas obras e haja nos governos a perspicacia precisa na confecção das tabellas d'alfandega; augmente-se os direitos ás fazendas estrangeiras, para não virem competir com as nacionaes e diminuam-se nos generos de primeira necessidade o que reputamos muito necessario em vista da falta de trabalho que se nota no paiz, da falta de recursos de muitas familias pobres, da escasez de pesca e da falta de generos alimenticios.

Não são sómente necessidade as necessidades do thesoouro; que tambem o são as necessidades do povo, e muito mais do povo que trabalha para com escassos meios sustentar muitas vezes familia numerosa. Somos contrario a todo o tributo sobre generos de primeira necessidade, alguns dos quaes se acham tributados em demazia; e o resultado de tanto excesso em tributar até o que se come e se bebe é o pobre artista não poder juntar um vintem para se socorrer na falta de trabalho e n'um pequeno inverno, como o que se deu, ter de recorrer á caridade publica, como terá de pedir um catre no hospital quando uma molestia venha paralisar-lhe o braço. Além de que, a diminuição gradual dos direitos sobre generos alimenticios forçosamente faria augmentar o consummo.

O lavrador quasi nunca come carne verde, porque está cara e limita-se á de porco; o jornaleiro, e o operario deixam muitas vezes de comprar o bacalhau por

estar em elevado preço comparado com o de não remotos tempos.

Ora, é certo que, diminuindo os direitos, augmentaria o consummo consideravelmente, e ahí temos o rifão—*mais valem muitos ciscos que poucos dez.*

O BANCO DO MINHO.

Sem estarmos na apreciação de se este estabelecimento de credito procedeu como devia, e se são ou não justificaveis as razões com que na sua circular pede o auxilio dos demais estabelecimentos de credito para representarem ao governo contra os vexames da auctoridade fiscal, não podemos comtudo deixar de estranhar as frases que a respeito d'este banco empregou o «Jornal da Manhã» n.º 1970 de 11 de março.

N'um artigo que o dito jornal publicou sob a epigraphe «fraude praticada pelos bancos» transparece a ideia de querer desacreditar este estabelecimento, cujos directores são pessoas de incontestavel probidade.

A linguagem do «Jornal da Manhã» é n'este artigo a linguagem de um guarda-barreira ou de um zelador do thesoouro assalariado *ad hoc*.

Vejamos um impagavel periodo:

«A direcção do Banco do Minho falla com uma certa arrogancia de credito, como o faria o banco de Inglaterra ou a casa Rotschild, não se lembrando que o estabelecimento que dirige é um dos considerados em peores circumstancias e de mais funestas consequencias».

Que nos conste, ainda nenhum jornal avançou tanto a respeito do Banco do Minho.

Cremos o Banco do Minho em muito soffríveis circumstancias, não diremos boas, nem o podemos dizer de nenhum banco do paiz, porque todos soffreram com a crise monetaria de 1876; e se o credito e a confiança não animar os estabelecimentos bancarios veremos cair até o primeiro banco do paiz.

Se o Banco do Minho tem um grande passivo, é este coberto por um activo muito superior, e estamos certos que apesar da má vontade do «Jornal da Manhã» hade prosperar este estabelecimento.

Ainda nós conta outra novidade, que é a seguinte:

Promete analizar detidamente o balancete de fevereiro em que nós trará á evidencia que o Banco do Minho tem quasi evaporado o seu pequeno capital; que se por qualquer circumstancia fosse arrastado para o abysmo, credores e accionistas haviam de receber tanto como recebem os do Banco Commercial de Vianna, Banco Nacional, Banco Commercial de Braga e outros.

Grande novidade é esta!

Tambem se o banco de Inglaterra ou a casa Rotschild fosse arrastada para o abysmo, que receberiam os seus credores?

Agora perguntaremos ao «Jornal da Manhã»:

Se um estabelecimento bancario se achar abalado por qualquer eventualidade, que lucro resulta aos accionistas e ao commercio em vir á imprensa espalhar a desconfiança?

A falta de credito póde fazer cair um estabelecimento bancario, quicá em boas condições; e d'essa queda quem póde calcular os resultados funestos?

Ninguém.

E' porisso que nos absteremos sempre de devassar o bom ou mau estado dos bancos. Os accionistas terão esse cuidado, e só esses teem tal direito; que para nós, um estabelecimento bancario é uma casa de commercio como outra qualquer e se a imprensa não devassasse tanto nem se intromettesse com os bancos, melhor estaria o nosso credito e o commercio muito mais animado.

O contrario d'isto pensarão os que querem especular com o credito ou desacreditar dos nossos bancos.

Dinheiro de S. Pedro.

Verdadeiramente se póde dizer que o filho, que não soccorre e auxilia seu pae na necessidade e pobreza, o não ajuda e he não procura mitigar as dores e a afflicção na dor e no infortunio, é um mau filho, um desalmado, um ente repugnante, é, emfim um filho desnaturado.

O pae carnal, isto é, o pae pela natureza é credor do respeito, da obediencia, dos carinhos e do amor do filho, a quem deu o ser, educou e sustentou á

custa Deus sabe de quantos sacrificios e de quantas bagas de suor de sangue.

E se o pae por natureza, que gerou e educou, por assim dizer, o filho para o mundo, que póde durar meia duzia de annos, de mezes ou apenas meia duzia de dias, é merecedor de tudo isto; de quanto amor, obediencia, disvello e profunda dedicacão não é digno o pae espiritual, aquelle que nos cria e educa para a eternidade, para gozarmos uma vida sem fim?

Porque é, pois, que tanto gritam, certos patuscos, contra o dinheiro de S. Pedro, offerecido pelos catholicos a seu Pae espiritual, o Pontífice Roman?

Porque é que esses zelosos defensores do bem dos pobres, esses caridosos benefactores da humanidade que soffre, tanto se estomacam?

Pois dos extravios das penitenciaras, das sommas da lista civil, das jornadas e commissões ao estrangeiro, das visitas aos parentes, das gratificações e monte-pios aos milhares, por dá cá aquella palha, das festas de 24 de julho, etc., etc., etc., não se poderia tirar tanto e tanto com que se poderia socorrer os pobres?

De olhos esgaziados, e quasi a saltarem-lhes fóra das orbitas, olham com ranço e desespero para essas pobres, mas voluntarias migalhas, que os catholicos enviam a seu Pae espiritual com o infernal desejo de lhes deitar as garras aduncas, como os seus confrades da Italia irredenta deitaram ao que pertencia ao Pontífice.

Pois o dinheiro de S. Pedro não é destinado para socorrer os orphãos e viuvas?

Não é para acudir ás necessidades dos pobres e dos afflictos, para supprir o infortunio dos naufragos e inundados?

Não é para auxiliar na ordenação e no estudo a muitos estudantes pobres?

Não é para auxiliar as missões, e auxiliar estas no baptismo e educação christã, e ganhar para Deus tantas almas assentadas á sombra da morte?

Não é, emfim, para socorrer quanto possivel as necessidades de toda a especie que vão por esse mundo, uma grande parte das quaes é devida á vossa liberdade, costumes e civilização?

Crispam-se-lhes os nervos ao ouvirem dizer, supponhamos, que de Portugal irão para Roma 12 ou 14 contos, se forem, porque ha freguezia, onde apenas foi possível alcançar 3:000 reis, contribuindo ainda para esta elevada somma o rev.º parocho com 2:000 reis., e não se lhes crispam nem se espantam, ouvindo dizer que se gastam centenaes de contos com coisas improduttivas e contra vontade da maioria dos catholicos, não dizem já de todos os contribuintes.

Digam-nos que grande proveito se tira dos subsidios a theatros, onde ainda ninguém se converteu, nem são, muitas vezes, escola de bons costumes?

Porque não gritaes contra taes subsidios, onde os pobres nada aprendem e nada aproveitam, porque nem os frequentam, nem que os frequentassem aproveitariam cousa alguma para seu bem e felicidade?

E não quereis que vos chamem hypocritas e tartufos.

(Da Nação).

CORREIO

Abrimos esta secção, destinada a proporcionar nos um meio mais facil e rapido de satisfazermos ás pretensões dos nossos leitores, concernentes assim á Redacção, como á Administracão d'esta folha.

Chamamos, portanto, para aqui a attenção d'aquelles, a quem não houver inconveniente em respondermos n'este lugar.

Mancellos.—Rev.º sr. padre José Victorino Pinto de Carvalho. Respondemos e pedimos desculpa.

Ronfe.—Rev.º sr. padre Antonio José Torrinha Machado. Julgamos ser um pouco tarde para o que pretende, attenta a natureza do objecto e o seu interesse.

GAZETILHA

Chronica religiosa.—Expõe-se hoje no Salvador o Sagrado Lausperenne.

Exposição do Santissimo na igreja do Carmo.

Amanhã 21:—Festa de S. Bento no Salvador. Procissão de Ladainhas na Sé.

Obra importante.—Recebemos de Turin (Italia) uma obra muito importante. Intitula-se *Totius summae Theologicae S. Thomae Aquinatis Compendium rhythmicum* F. DOMINICO GRAYNA, Ord. Prædicatorum S. Theol. Magist. Auctore.

D'esta simples indicacão podem os leitores inferir qual seja a importancia d'esta publicação.

E' offerecida a S. Santidade Leão XIII, e consta d'um formoso volume de 332 paginas.

Agradecemos muito e muito esta valiosissima offerta.

Festividade.—Festejou-se hontem no templo de S. Lazaro a Imagem de S. José, com missa solemne e sermão pregado pelo distincto orador e nosso amigo padre Luiz Gomes da Silva.

De tarde cantou-se o *Te-Deum*, a instrumental.

Opusculo.—Recebemos e agradecemos o que tem por titulo *Novena de S. Francisco Xavier*, chamada da Graça, traduzida do francez por Delphin d'Araujo e Silva Figueiredo e publicada por um devoto. Já em tempo competente de mos noticia d'esta obrinha, que appareceu á luz um pouco tarde para servir na novena d'este anno, mas que não deixa ainda de ser importante para se fazer, embora fóra do tempo proprio e principalmente para o anno futuro. Sabemos que está á venda em casa do sr. Joaquim Leal, rua do Souto, 39.

Bom Jesus do Monte.—Está n'esta cidade o distincto pintor Lefebvre, que foi contractado para pintar o interior do templo do Bom Jesus do Monte.

Portugal antigo e moderno.—Recebemos o fasciculo 134.º do dictionario *Portugal antigo e moderno*.

Contém minuciosas noticias descriptivas de varias povoações, entre as quaes das seguintes: *Roriz, Rosmaninhal, Ruães, Rubiães, Ruivães, Runa, Sá, Sabadim, Sabariz, Sabrosa*, etc.

Ao seu indefesso auctor e nosso respeitavel amigo e collaborador, o exm.º sr. Pinho Leal, pedimos licença para transcrever a seguinte noticia respeitante a *Ruães*—aldeia, Minho, na freguezia de S. Payo de Merelim, no antigo couto de Tibães, supprido (Vide *Tibães*), concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Em 25 de setembro de 1872, foi feito visconde de Ruães, o negociante da praça do Porto (hoje fallido) Bento Luiz Ferreira Carmo, casado, em 16 de fevereiro de 1876, com a sr.ª D. Anna Carolina Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, na nobre casa dos Avellares, em Braga.

Passa aqui o rio Cávado, e aquelle negociante fundou n'este lugar, e em uma quinta sua, proximo da Ponte de Prado, em 1870, uma grande fabrica de papel. Depois, passou esta fabrica a ser propriedade de uma companhia, sendo o fundador e seu sobrinho, Eduardo Luiz Ferreira Carmo, os principaes accionistas.

O propulsor mechanico é o vapor, e a agua do rio.

A fabrica foi muito augmentada e melhorada, sob a direcção do distincto engenheiro Thomaz Smith. Fizeram-se os ensaios em 30 de janeiro de 1876.

Foi inaugurada, em 25 d'abril de 1877, depois da benção religiosa do ritual, feita pelo revm.º abade de Tibães (Merelim).

A machina a vapor, é da força de 100 cavallos, e a turbina, movida pela agua do Cávado, é da força de 80.

Os seus productos são dos melhores do paiz, na sua especie, e rivalisam com o melhor papel que vem do estrangeiro.

A fabrica está excellentemente montada, e as machinas foram construidas no acreditado estabelecimento dos srs. *Euston & Anderson*, de Londres.

O mestre da fabrica, é o sr. *Benjamin Peake*, inglez.

O pessoal da fabrica, na sua inauguração, era de 40 homens e 60 mulheres.

—O sitio é alegre, bonito e sadio, ficando-lhe perto povoações que lhe podem consumir grande quantidade de papel, principalmente Porto e Braga. Tem excellentes estradas para diversos centros, para onde póde fazer exportação em grande escala, ficando, de mais a mais, a pequena distancia do caminho de ferro do Minho.

—Pois com todas estas condições de prosperidade, teve a sorte de quasi todas as nossas grandes empresas industriais, falliu!—Devia ao sr. José Pereira Loureiro (visconde de Fragozella, desde 25 de maio de 1870), 70 contos de reis, que lhe não poudo pagar. O sr. visconde demandou a companhia, e fez-lhe penhora na fabrica, e todas as suas dependencias, sendo tudo avaliado em 60:635\$080 reis (!)

Foi posta em praça, no dia 27 de outubro de 1878, e arrematada pela quantia de cincoenta contos e trezentos mil reis, pelo sr. Alberto de Oliveira, como representante de uma sociedade de parceria.

Consta que esta sociedade é constituída por cavalheiros empreendedores e grandes capitalistas. Deus queira que este patriótico estabelecimento caia em poder de industriaes mais felizes do que os antecessores, e attinja o grau de prosperidade de que é merecedor.

Fallecimento.—Foi ante-hontem conduzido para o cemiterio o cadaver do estudante José Gomes d'Araujo. Contava apenas 23 annos.

Conferencias sobre o socialismo.—Acabamos de receber o volume das Conferencias sobre o socialismo, recitadas na igreja de N. Senhora de Grenoble, durante a quaresma de 1870, pelo eloquentissimo PADRE FELIX, da inclyta Companhia de Jesus.

E' traducção portugueza do distincto escriptor o rev.^{mo} Francisco Luiz de Seabra, parochio de Cassia, e edição da casa Chardron.

Esta obra importantissima, de palpitante actualidade, como modernamente costuma dizer-se, tem constatado o seu merecimento no simples nome do grande PADRE FELIX, e no assumpto que versa.

Eis o titulo das conferencias:—A ideia socialista, ou o socialismo como ideia—O odio socialista, ou o socialismo como paixão—A conspiração socialista, ou o socialismo como acção—Primeiro erro radical do socialismo: o erro no ponto de partida—Segundo erro radical do socialismo: o paraizo na terra—Origem ou genealogia do socialismo.

E' ocioso dizermos que todos estes pontos estão desenvolvidos d'um modo admiravel, com aquelle rigor logico, dicção atrahente e profundeza que caracterisam o sabio jesuita.

Bem pôde dizer-se d'este precioso volume, que é elle a ultima palavra sobre o socialismo.

A obra custa apenas 500 reis.

Parabens.—Damol-os ao sr. Joaquim José Vieira da Rocha, por ter sido confirmado o seu despacho para guardameno e fiel da camara ecclesiastica d'esta cidade.

Obras em publicação.—A incançavel casa editora Chardron tem em via de publicação as obras seguintes:—*Brinde á juventude catholica, pelo padre Patricio*—*Curso de lingua italiana, methodo Anh*—*Viagens em Marrocos.*

De foz em fôra.—Informam-nos, que no domingo o homem que veio para esta cidade affirm de arranjar dinheiro e não para arranjar amigos, deu uma estroada soiree. Pelos modos o homem já arranjou dinheiro, e também arranjou amigos.

E' caso.

Apostamos que não faltaram lá elles, e o outro. E mesmo porque os serviços d'elles, e do outro ficam bem pagos com chazadas e biscoitos.

Que enorme pecegada é este mundo...

Espancamento.—Deu entrada no Hospital de S. Marcos, na noite de 16 para 17 do corrente, Eduardo Bernardo, alfaiate, morador a S. Vicente, em consequencia d'uma pancada que recebeu na cabeça e face esquerda, no sitio d'Infias, pelas 7 horas da noite do dia 16.

Publicações.—Recebemos as seguintes:

A Moda Illustrada—Director proprietario David Corazzi—Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.

E' com certeza a mais notavel publicação que n'aquelle genero se tem feito em Portugal, e compete vantajosamente com as do estrangeiro.

—*Diccionario Popular, historico, biographico, etc.*

Estão distribuidos os fasciculos 129 e 130, abrangendo de letras ETH até FAL.

—*Analyse ao Parecer dos ourives de Braga—As contrastarias. Parecer acerca da sua reforma por Antonio Casimiro da Costa.*

Assim se intitula um opusculo que acabamos de receber, devido á penna d'um artista intelligentissimo e que faz honra á classe a que pertence.

O sr. Casimiro da Costa empreendeu a publicação d'este opusculo, com o intuito de que elle sirva de luz á commissão nomeada pelo governo, para proceder á reforma da contrastaria, a qual jaz n'um estado verdadeiramente cahotico.

E' de crer que a commissão tome na devida conta os auctorizados esclarecimentos do sr. Casimiro da Costa, e que active os seus trabalhos afim de se realisar aquella reforma, sem a qual muito está soffrendo aquelle importante ramo de industria e commercio.

Oxalá que se não encerre a actual sessão legislativa, sem que se lhe tenha dado todo o impulso.

Permitta-nos o seu auctor que discorremos inteiramente com uma asserção que vêm á pagina 45, por á julgarmos, sobre mal cabida, muito insensata sob varios pontos de vista, como podiamos demonstrar. Lamentamos o facto, tanto mais que conhecendo de perto o sr. Casimiro da Costa, temos as mais inequivocas provas para não duvidarmos, por um instante, dos seus sentimentos religiosos.

—*Reflexões e considerações sobre os vares e fiscalisação do sello* pela Associação Commercial de Braga.

Como explical-o? Não sabemos.

Atravez da provincia.—Ha dias, andando no sitio denominado Cadarcas, concelho dos Arcos, cinco homens a alargar um caminho, desabou um morro sobranceiro a este, sepultando dois d'aquelles infelizes e deixando os restantes bastante feridos.

—Recomeçou o trabalho d'assento na ponte sobre o Vez.

—Os bombeiros voluntarios de Guimarães, commemoraram hontem o segundo anniversario da installação da respectiva Associação.

—Falleceu repentinamente em Guimarães o sr. João Francisco d'Abreu, tio do sr. Ernesto Francisco d'Abreu, negociante d'aquella cidade.

Noticias diversas.—Em Agen foi condemnado á morte João Laprade, de 20 annos, que a 10 de novembro assassinou o pae, mãe e avó a tiros d'espingarda, no momento em que jantavam.

—Durante a noite de 8 para 9 do corrente, foi arrombada a igreja de Gueitim, no concelho de Villa Nova de Gaya. Os ladrões, entrando por meio de arrombamento que fizeram n'uma janella, em face do altar-mór, apossaram-se de quanto dinheiro havia nas caixas das almas e de Santo Antonio, sendo esta levada para um pinhal distante, onde foi encontrada feita pedaços. Foram também roubados os esplendores, coróas de prata, e mais objectos de ornamentação das imagens. Outrosim, arrombaram o sacario, esperçados em que podessem apoderar-se do vaso de prata, que felizmente não estava alli. Seguidamente, abriram a porta principal, e foi por alli que se poseram ao fresco.

—Desabou a cadeia de Corunha (Galizia), e causou a morte a 4 pessoas e graves ferimentos a 27.

—Um telegramma de Londres noticia que na cidade hungara Szegedin, desmoronaram cem predios, em consequencia das inundações, e que a sua população, em numero de 3.000, ficou sem asylo.

—No domingo passado recebeu o grande dr. na faculdade de Direito, na Universidade de Coimbra, o sr. Antonio Lopes Guimarães Pedrosa. Foi padrinho o sr. Bispo Conde.

—Houve um grande incendio em Yokohama (Japão), n'um dos bairros mais populosos. Arderam tresentas casas e muitos milhares de desgraçados ficaram sem abrigo.

—O districto de Leiria, segundo o recenseamento feito em 31 de dezembro ultimo, tem 199:787 habitantes, mais 20:211 do que em 1863. O concelho mais populoso é o da capital, que tem 43:234 e menos habitado o da Batalha, que tem apenas 6:134.

—25:000 emigrantes portuguezes, allemães e italianos chegaram em 1877 ao Rio de Janeiro.

Ultimas noticias.—Um despacho de Tachkent, annuncia que Mahomet Jakoub-Khan subiu ao throno do Afghanistan, e que dois batalhões inglezes foram batidos e obrigados á retirada, perto de Kroum, abandonando todas as suas bagagens.

—Um despacho de Constantinopla, em data de 11, annuncia que Monsenhor Kuppelian, patriarcha armenio iutroso, deu a sua demissão e partiu para Roma, onde vae implorar o perdão do Santo Padre.

RECLAMOS

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

3 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgia, flatos, náuseas, vomitos, irritações intestinaes, hezigas, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthina, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da heziga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da exm.^a sr.^a marquez de Brehan, de Lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.^o 63:476.—Mr. Comparet, cura, de dezoito annos de gastralgia, de soffrimentos d'estomago, dos nervos, fraqueza e suores nocturnos.

Cura n.^o 74:422.—Prostração.—Baldwin, da mais completa decadencia de saúde, de paralyxia dos membros por effeito e excessos da mocidade.

Cura n.^o 76:448.—Verdum, 16 de janeiro de 1872.—Havia cinco annos que soffria graves incommodos no lado direito e na cavidade do estomago, mas digestões etc. Não hesito em certificar que a sua **Revalescière** me salvou a vida.

ERNESTO CATTE, musico do 63 de linha.

Cura n.^o 62:936.—M.^{te} Martin, do amenorrhea. Supressão de menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela **Revalescière**.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a península:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo. 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo. 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da **Revalescière** que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a **Revalescière chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & CO.^a LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris: 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central: sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—**Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—**Barcellos**, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—**Braga**, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—**Viana do Castelo**, Affonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—**Guimarães**, A. J. Pereira Martins,

pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Baíha, 29 e 33.—**Penafiel**, Miranda, pharm.—**Porto**, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirè Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.^a, drog., Praça de D. Pedro, 103 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—**Ponte de Lima**, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—**Póvoa do Varzim**, P. Machado de Oliveira, pharm.—**Valença do Minho**, Francisco José de Sousa, pharm.—**Villa de Conde**, A. L. Maia Torr. s. pharm.

AGRADECIMENTOS

João Rebello da Silva Braga e Julia Thereza da Silva Braga, sinceramente gratos e penhoradissimos para com todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que se dignaram acompanhar o cadaver de seu fallecido pai e sogro ao cemiterio, e assistir ao santo sacrificio da missa que por sua alma mandaram celebrar na capella do SS. Sacramento da Sé, no dia 17 do corrente, vem por este meio testemunhar a todos o mais profundo reconhecimento e indelevel gratidão.

Braga 19 de março de 1878. (2322)

Extremamente penhorados pelos obsequios e provas d'amizade que recebemos por occasião do fallecimento e funeral de nossa presada irmã, D. Maria da Purificação da Costa Veiga, agradecemos a todos os exm.^{os} snrs.; e fazemol-o por este meio, na impossibilidade de ser pessoalmente.

Braga 18 de março de 1879.

Antonio Joaquim da Costa Veiga
D. Maria do Carmo Veiga Neves
José Daniel da Costa Veiga (auzente)
O abb.^o João Evangelista da Costa Veiga.
(2319)

Os abaixo assignados, veem por este meio agradecer aos illm.^{os} e exm.^{os} snrs. que assistiram á missa e officio de sepultura, que por alma de seu pae, sogro e irmão Joaquim José d'Araujo, tiveram logar no dia 14 do corrente na igreja de S. Victor. A todos protestam sua eterna gratidão.

Braga 18 de março de 1879.

Francisco José d'Araujo
Cariota Baptista Gonçalves d'Araujo
Maria da Luz d'Araujo Fonseca
José Joaquim da Fonseca
João José d'Araujo
Manoel José d'Araujo. (2320)

Andreza da Costa Bezerra Braga (auzente), Rosa das Neves Simões, Thereza de Jesus Simões, Joaquina Simões, Maria Simões, José Simões Braga (auzente), Manoel Simões Braga, José Fernandes, Bento José Salgueiro, e João Trindade de Freitas, nora, filhos e genros da fallecida Antonia Maria Simões, não o podendo fazer pessoalmente, agradecem por este meio a todas as pessoas da sua amisade o caridoso obsequio que lhes fizeram, acompanhando, da sua casa á igreja, e cemiterio, o corpo de sua sempre presada mãe e sogra, bem assim a todos os que lhes deram seus sentidos pezames, confessam o seu profundo reconhecimento.

Braga 16 de março de 1879. (2316)

ANNUNCIOS

AS CONTRASTARIAS

POR

ANTONIO CASIMIRO DA COSTA

A' venda no escriptorio d'este jornal, e na livraria Chardron—Braga.

Preço 100 rs.
(2321)

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879